



Professor e Investigador da **Faculdade de Motricidade Humana** fala da urgência das famílias terem mais tempo livre

Desdobrar o tempo: dos pais ou dos filhos?

Carlos Neto

“As crianças e jovens não se desenvolvem consoante as conveniências ou interesses exteriores, indiferentes às suas necessidades biológicas e culturais”

O argumento vem na sequência da discussão pública sobre o programa “Escola a Tempo Inteiro”.

Para abordarmos a reflexão a esta temática é necessário olhá-la com algum cuidado, quando percebemos o estado crítico de sedentarismo, analfabetismo físico e superproteção a que as crianças e jovens estão sujeitas no seu dia a dia. São lotadas de currículos extensos e intensos de saberes que são encarados socialmente úteis. Os adultos empenham-se cada vez mais em tornar as crianças intelec-

tualmente ativas e corporalmente passivas.

As crianças e os jovens não têm margem para a descoberta livre, com experiências audazes, correndo riscos em função de situações imprevisíveis, de forma a ampliar competências motoras, sociais e emocionais imprescindíveis à sobrevivência no futuro. Existe uma urgência desesperada em institucionalizar o seu tempo de vida, contrariando a natureza ativa e as necessidades humanas em brincar e socializar livremente.

Todas as espécies animais com infâncias longas necessitam de muito tempo para brincarem no seu espaço de vida natural ou construído, pois as vivências de um corpo em ação permanente são fundamentais para uma infância feliz e empreendedora no futuro.

Deve proporcionar-se às crianças e jovens do nosso tempo, uma maior autonomia e participação nos

processos de aprendizagem escolar, desportiva e artística. Não podemos legitimar um controlo patológico sobre as suas energias com atividades exageradamente estruturadas e controladas pela lógica dos mais velhos, seja no contexto escolar, extracurricular, familiar ou comunitário.

Está em causa um entendimento de base sobre todo o processo de desenvolvimento humano e o estabelecimento de políticas públicas que fomentem a qualidade de vida de todos os cidadãos. É necessário debater o tempo de trabalho dos pais, o tempo de vida passado na escola e o tempo de vida familiar no sentido de se encontrar um novo modelo de organização e harmonização da vida social.

Para combater esta realidade, são necessários modelos robustos, flexíveis e dinâmicos do uso de tempo e espaço de vida para garantir maior qualidade de vida a todos. São cada vez mais os países da comunidade europeia que já fazem este trabalho junto da esfera social. As famílias precisam de ter mais tempo livre para que os seus filhos tenham mais tempo para brincar livremente e, assim, tornarem-se saudáveis física e psicologicamente.

A questão não pode ser tratada de forma radical aumentando o tempo de estada das crianças e jovens na escola. É preciso que exista coragem política para fazer reestruturações que beneficiem a qualidade de vida dos jovens e das suas famílias.